

## O BRASILEIRO E A COPA DO MUNDO: IDENTIDADE NACIONAL E CARNAVALIZAÇÃO

Paulo Cesar MACHADO\*

*ABSTRACT: Every four years a ritual happens in Brazil: schools with no classes, banks close earlier, government offices do not open, markets and gas stations working in a different schedule. All over the country, the people give a pause and look at one single point: the TV set. Brazilian national soccer team is working at the World Cup. During this event, Brazilian people reinforce their national identity and, for some time, everyone is equal wishing for the same goal. This work aims to study the relation between Brazilian national identity and the World Cup and how the people behave during this event is close to the carnivalization concept created by Bakhtin. For the research, that can be considered exploratory-qualitative, were analyzed reports from an important magazine and was undertaken a bibliographical survey of the existent literature about identity and carnivalization.*

*KEYWORDS: National Identity; Brazilian people; Carnivalization.*

### 1. Introdução

Em 1958, o povo nas ruas cantava alegremente o seguinte refrão: “a Copa do Mundo é nossa, com o brasileiro não há quem possa”. Isso ocorria oito anos após a grande decepção vivida em 1950; agora a pátria estava redimida, podíamos afirmar que éramos os melhores do mundo, respirava-se o orgulho de ser brasileiro.

Desde então, é inegável a estreita relação identitária entre a seleção brasileira de futebol e o povo brasileiro. O fato de termos uma seleção vencedora, cinco vezes campeã, a torna um símbolo nacional tão forte quanto a bandeira ou o hino, e a transforma em um elemento chave para se reforçar e renovar a identidade nacional. Isso se torna muito mais visível em ano de Copa do Mundo. Durante esse período, o brasileiro se sente mais brasileiro, a sua identidade nacional é reforçada e, por um momento, todos são iguais torcendo por um mesmo objetivo.

Este trabalho tem por objetivo estudar a relação entre identidade nacional do brasileiro e a Copa do Mundo e como o comportamento da população durante esse evento se aproxima do conceito de carnavalização criado por Bakhtin. Para a pesquisa, que pode ser considerada de caráter exploratório-qualitativo, foram analisadas reportagens da revista VEJA nos períodos de Copa do Mundo além do levantamento bibliográfico da literatura existente acerca dos temas identidade e carnavalização.

### 2. De um povo heróico o brado retumbante

“Lotado! O Brasil inteiro está aqui dentro!” Essa era a frase estampada no ônibus da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. A frase, com que muitos brasileiros se identificaram, trazia dois significados intrínsecos: a) a paixão do povo brasileiro pelo futebol e pela seleção; b) a situação imaginada de que cento e noventa milhões de brasileiros estão, ao mesmo tempo, torcendo pela seleção. Tal situação já foi comentada

---

\* Especialista; Universidade Estadual de Ponta Grossa.

por Anderson (2008) ao se referir às comunidades imaginadas, em que os indivíduos crêm fazer parte de um grande grupo mesmo sabendo a impossibilidade de vir a conhecer todos os componentes de tal grupo.

Assim, a noção de um grande grupo que forma o brasileiro é também idealizada. Imaginamos que lá nas fronteiras do Amazonas exista um brasileiro, que compartilha conosco a mesma paixão pelo futebol, que gosta de café, e fala a língua portuguesa. E sob a mesma denominação de *brasileiro* amoldam-se as mais diversas etnias, povos com diferentes línguas, com diferentes histórias e costumes, além de culturas variadas. Para abarcar toda essa diversidade e colocá-las em prol de um objetivo comum, criou-se a idéia de nação. Esse conceito aparece na afirmação de Bauman, ao comentar que

A identidade só poderia ingressar na *Lebenswelt* como uma tarefa – uma tarefa ainda não realizada, incompleta, um estímulo, um dever e um ímpeto à ação. E o nascente Estado moderno fez o necessário para tornar esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania territorial. Nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade (mais corretamente: na única realidade imaginável) – e a história do nascimento e da maturação do Estado moderno foi permeada por ambos. (BAUMAN, 2005, pág.26)

Ou seja, a identidade nacional é uma idéia, uma ficção criada pelo Estado para fazer com que as pessoas se sintam parte de um grupo. Assim, somos todos brasileiros.

Essa noção de que a identidade nacional é algo construído é ponto comum aos pensadores que sobre esse assunto detêm sua reflexão. Também Hall partilha da mesma idéia ao afirmar que

as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da idéia da nação tal como é representada em sua cultura nacional (HALL, 2002, p.49).

Dessa forma, a nossa brasilidade é fruto da representação. A noção de que o povo brasileiro é pacífico, cordial, gosta de samba, carnaval e futebol, foi criada ao longo do tempo. E essas idéias são passadas de geração a geração como se isso assim fosse desde o início dos tempos. A isso que Marilena Chauí (2000) se refere como o “mito fundador”; ou seja, fatos históricos que nos são contados como marcos irrefutáveis de nossa fundação como nação. Como exemplos podem ser citados a Inconfidência Mineira, o grito da Independência ou a Proclamação da República. Cada uma dessas datas é comemorada para relembrar e reforçar a unidade nacional.

A História nos conta que o Grito do Ipiranga nunca existiu, embora sempre venha à lembrança o famoso quadro de Joaquim Américo representando D. Pedro I às margens de um rio, erguendo a espada e bradando contra os portugueses. O ato da Independência foi um acordo ocorrido entre Brasil e Portugal mediado pela Inglaterra. Da mesma forma, a Proclamação da República foi um mero acordo de gabinete, ocorrido entre quatro paredes.

Tais acontecimentos fazem parte da memória coletiva, assim como a criação de nossos heróis. Comunga desse pensamento Michael Pollak, ao comentar que os acontecimentos vividos pelo grupo a que a pessoa se sente pertencer

são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p.203)

Por isso nos sentíamos vencedores nas manhãs de domingo com as vitórias de Ayrton Senna, e nos emocionamos ainda hoje ao lembrar a sua trajetória como desportista e, principalmente, como brasileiro. Esse sentimento, essa memória coletiva faz brotar lágrimas nos olhos de uma criança que, mesmo não tendo conhecido Ayrton Senna, sente como se tivesse participado daqueles momentos.

A memória coletiva é um dos componentes auxiliares na construção da identidade nacional. Como afirma Hall, “ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte.” (HALL, 2002, p.52).

Esse pertencimento, essa idéia de estar contido em um grupo que, imaginariamente, comunga dos mesmos gostos e anseia pelos mesmos objetivos é que nos leva a repetir que *somos brasileiros com muito orgulho, com muito amor*. Afinal, antes mesmo de o Brasil ser Brasil, já tínhamos motivos para nos orgulharmos deste chão, pois no primeiro documento sobre estas terras afirmava-se que *aqui, em se plantando tudo dá*.

E nos acostumamos à crença de que vivemos em um país de maravilhas, pois nossos bosques têm mais flores, os nossos pássaros cantam melhor; temos a maior floresta tropical do mundo, o maior rio, a maior usina hidrelétrica. As crenças a nós repassadas e por nós transmitidas fazem crer que o nosso povo é o mais alegre, temos o melhor carnaval, o melhor futebol, e passamos mesmo a acreditar que Deus é brasileiro.

### 3. Moro num país tropical, abençoado por Deus

O conceito de carnavalização proposto pelo pensador russo Mikhail Bakhtin (1993) aparece com ênfase na introdução de sua obra “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”. Bakhtin estuda a obra de Rabelais dentro do contexto da Idade Média e esclarece alguns pontos que à luz do pensamento moderno poderiam parecer de mau gosto, mas que analisadas a partir do ponto de vista de um cidadão da Idade Média eram absolutamente aceitáveis.

O período carnavalesco na Idade Média compreendia um tempo em que era possível ao cidadão comum libertar-se do tom sério que era dado aos eventos organizados pela Igreja ou pelos órgãos oficiais. Segundo Bakhtin, “os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligavam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval” (BAKHTIN, 1993, p. 04). E isso porque a carnavalização nesse período funcionava como uma válvula de escape das pressões sociais, por meio de um processo de inversão que suspende temporariamente o rigor da hierarquia oficial. Bakhtin ainda comenta que esses festejos duravam cerca de três meses ao ano e que

além dos carnavais propriamente ditos que eram acompanhados de atos e procissões complicadas que incluíam as praças e as ruas durante dias inteiros, celebrava-se também a “Festa dos Tolos” (*Festa Stultorum*) e a “Festa do Asno”; existia também um “Riso Pascal” (*Risus Paschalis*) muito especial e livre, consagrado pela tradição.

Além disso, quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição. (BAKHTIN, 1993, p. 04)

Assim, percebe-se que mesmo os órgãos oficiais aceitavam esse período de suspensão e tomavam parte das festas juntamente com o povo. Bakhtin comenta que a própria Igreja, com todo seu poderio e rigor que exercia durante a Idade Média, nos períodos carnavalescos se permitia a um relaxamento e entrava na brincadeira. Exemplo disso é a *Coena Cyprian* (ceia dos ciprianos) em que as escrituras eram totalmente travestidas, ou na paródia sacra em que eram feitas paródias das liturgias católicas; ou na *Festum Asinorum* (Festa dos Asnos), uma espécie de comemoração cômica da fuga de Maria para o Egito. Enfim, havia rituais, de cunho carnavalesco, organizados na própria Igreja em que a Instituição era ridicularizada e questionada.

Durante esse período acontece a criação de um mundo paralelo, em que a vida não segue seu rumo normal e os propósitos aparecem de forma invertida. Como afirma Bakhtin, tais eventos criavam uma espécie de dualidade do mundo e “o indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com seus semelhantes”. (BAKHTIN, 1993, p. 09)

Percebemos ainda outro caráter da carnavalização apresentado por Bakhtin quando ele afirma que “o carnaval é a segunda vida do povo, baseado no princípio do riso. É a sua vida festiva”. (BAKHTIN, 1993, p. 07). Portanto, é contra essa opressão dos ritos oficiais que os as festas carnavalescas se inserem, ao menos por um certo período do ano, na vida o do homem da Idade Média. Nesse tempo vive-se uma certa permissividade, um esquecimento das normas e condutas do cotidiano. Segundo Bakhtin, o carnaval “é um espetáculo não para ser observado, mas para ser vivido, onde se têm as suspensões das regras, proibições que regem a vida normal” (BAKHTIN, 1993, p. 06). O carnaval era, pois, um período propício a transgressão, a excentricidade, a ridicularização do mundo.

Interessa-nos neste artigo essa característica de suspensão da oficialidade, esse período vivido em um mundo paralelo, essa inversão de valores que ocorre durante esses ritos carnavalescos, quando o mundo parece estar virado de cabeça para baixo. Afinal, há uma correlação entre esse período e a suspensão das atividades cotidianas que ocorre no Brasil em dia de jogo da seleção brasileira na copa do mundo.

Nesse momento, vive-se no país uma suspensão das atividades cotidianas, com autorização dos órgãos oficiais; um esquecimento da hierarquia, quando, por exemplo, o presidente de uma grande empresa torce junto com o empregado do mais baixo escalão. E ainda, por meio do riso se disfarça a angústia no momento do jogo, quando o povo todo, em frente ao aparelho de televisão torce pela seleção brasileira.

#### **4. Com o brasileiro não há quem possa**

Embora a história das copas tenha se iniciado em 1930, no Uruguai, com a participação do Brasil, a memória mais antiga que temos sobre a Copa do Mundo data de 1950: o ano em que perdemos a copa. Esse fato assume contornos de um drama épico vivido por um povo, que viveu uma de suas mais profundas tristezas, para mais tarde, na copa de 1958 sentir o gosto de ser campeão do mundo.

Olhando de forma retrospectiva, parece até que o fato de o Brasil ter perdido a copa em 1950 realçou ainda mais a importância do feito realizado pelos heróis de 1958. O povo saiu às ruas cantando músicas populares e afirmando que “a copa o mundo é nossa, com o brasileiro não há quem possa”. Afirmava ainda a canção que era “bom no samba e bom no couro”. Marilena Chauí (2000) relembra que essa celebração consagrava o tripé da imagem da

excelência brasileira: café, carnaval e futebol. Temos aqui mais um mito fundador e o estabelecimento de novos heróis da nação brasileira: os heróis do futebol.

#### 4.1 Parece que todo Brasil deu a mão

Percebe-se claramente o reforço da ideia de nação, de comunidade imaginada, quando em 1970, a seleção canarinho conquista o tri-campeonato. Aquele ufanismo quase inocente que afirmava “com o brasileiro não há quem possa”, e a valorização da cultura popular (o samba) unida à alegria do povo (o futebol) dá vez a um hino pomposo e repleto de amor à pátria e a crença de um povo unido em torno de um ideal. O hino “Pra frente Brasil” fala de “90 milhões em ação”, incitando o povo a ir “todos juntos” formando “aquela corrente pra frente” em que parecia “que todo o Brasil deu a mão”. E a estrofe termina com os versos dando a ideia de “todos ligados na mesma emoção, tudo em um só coração”.

Essa mudança na letra e no ritmo não se faz sem propósito. O início da década de 70 marca, no Brasil, o período mais agudo e sombrio da ditadura militar, e o governo aproveitou-se do clima de euforia proporcionado pela conquista para reafirmar o conceito de nação. Conforme atesta Chauí,

Em 1970, vivia-se sob a ditadura militar pós-Ato Institucional nº 5, sob a repressão ou o terror de Estado e sob a ideologia do “Brasil Grande”, isto é, da chamada “integração nacional”, com rodovias nacionais e cidades monumentais, uma vez mais destinadas a atrair o grande capital internacional. (CHAUÍ, 2000, pág. 20)

Nos tempos de “Brasil, ame-o ou deixe-o”, o futebol aparece como elemento integrador da população. E já era possível assistir ao vivo e em cores aos nossos heróis combatendo em campos mexicanos, enquanto aqui 90 milhões de brasileiros torciam por mais um sucesso da nossa seleção. Esse reforço da identidade nacional aparece na reportagem sobre o jogo Brasil e Inglaterra, na copa do México, da revista Veja de junho de 1970, que afirma:

Foi uma guerra de faixas e bandeiras, de vaias e aplausos simultâneos. Uma guerra de homens e mulheres gritando com uma força que eles próprios desconheciam. Mas foi também uma festa de cores alegres, onde o verde-amarelo do Brasil sempre envolveu e abafou o ‘red-and-blue’ listrado dos ingleses. Lá no campo, 22 homens, talvez os melhores jogadores do mundo, procuravam, nem sempre com paciência, a incrível falha de um adversário qualquer, o fácil caminho para a consagração. De um lado, onze inglês, com seu futebol duro e solidário, impulsionados por outros 5000 que se espalhavam pelas arquibancadas confortáveis do Estádio Jalisco de Guadalajara. De outro, onze brasileiros – e o apoio de 5.000 torcedores e mais 50.000 mexicanos. (VEJA, 1970c, p. 49)

Percebe-se nesse trecho o orgulho nacional, o sentido de pertencimento e a mensagem de como o brasileiro é um povo amigável. O orgulho aparece nas frases “o verde-amarelo do Brasil sempre envolveu e abafou o *red-and-blue* listrado dos ingleses” e “onze ingleses, com seu futebol duro e solidário”; a diferença de nosso futebol, nossa índole maleável, amigável. De tal forma que se juntam aos cinco mil brasileiros todos os cinquenta mil mexicanos.

Em outra reportagem, tenta-se explicar a paixão do brasileiro por futebol; as razões pelas quais o povo se identifica com esse esporte que produz heróis e projeta o nome do Brasil, e conseqüentemente do seu povo, no mundo. O repórter fala que

Talvez aqui interfira uma outra situação em que o entusiasmo está intimamente ligado a um conceito de superioridade, o patriotismo. Um povo ainda jovem, de glórias poucas e esporádicas – um voo de Bartolomeu de Gusmão, um voo de Santos-Dumont -, se exaltaria ao ficar claro que é uma potência mundialmente respeitada pelo menos em uma atividade. (VEJA, 1970b, p. 54)

Vemos aqui uma espécie de carnavalização que é a inversão de papéis entre os países, o alto pelo baixo. Um país do terceiro mundo é capaz de ser superior a uma potência econômica mundial e inventores do futebol. Um povo de poucas glórias que encontra no futebol um motivo de se orgulhar e de se denominar brasileiro.

Um outro aspecto da carnavalização, o da suspensão da vida cotidiana e o desafio às leis e aos costumes, aparece na reportagem sobre o jogo Brasil e Inglaterra. Ela demonstra o comportamento dos brasileiros após o jogo e o mundo retratado de cabeça para baixo.

Primeiro desabotoando delicadamente, depois rasgando com brutalidade, dezenas de rapazes arrancaram uma a uma todas as peças de roupa de uma jovem, na Avenida Luis Xavier, no centro da pacata cidade de Curitiba, logo após o jogo Brasil e Inglaterra. Quatro mil pessoas postadas nos passeios aplaudiram a moça, nua no meio da rua. (VEJA, 1970b, p. 54)

As cenas inusitadas em praça pública; o que normalmente teria sido motivo de reprovação e até mesmo prisão passa a se caracterizar como uma cena aceitável pelos envolvidos (menos para a moça, com certeza); um acontecimento carnavalesco, de transgressão às leis, de diversão e sadismo. Em outro trecho da reportagem vemos mais um exemplo de situação inusitada:

Seu segundo filho tinha nascido há pouco no quarto 601 da Beneficência Portuguesa de Porto Alegre. ‘Com licença, com licença que eu ainda quero ver o resto desse jogo lá na Praça da Alfândega’, dizia o pai e comerciante Paulo de Tarso Mendes, caminhando rapidamente pelos corredores da maternidade, no intervalo de Brasil e Romênia. Alto, pálido, desdentado e com a barba por fazer, suas palavras eram abafadas pelos sons de um radinho de pilha que carregava. Com salário de 150 cruzeiros, não tem relógio: ‘O Marcus Vinícius nasceu aos 40 minutos do primeiro tempo’. (VEJA, 1970b, p. 54)

A possibilidade de ver a nossa seleção se tornar tricampeã de futebol propicia tal tipo de situação em que o pai está mais preocupado em torcer do que com o nascimento do seu filho. Como foi afirmado acima, é a possibilidade de um brasileiro desdentado, com um salário ínfimo, poder afirmar sua condição de brasileiro e de pertencer a essa comunidade vencedora; ao menos no futebol.

Após a campanha na copa de 1970, nossa seleção chegou à final contra a Itália, quando se sagrou campeã em um jogo cujas cenas são repetidas ainda hoje como um dos momentos mais brilhantes do nosso futebol. É a reafirmação do mito. A revista VEJA, edição 94, de 24 de junho de 1970, estampou na página 49 a foto do capitão Carlos Alberto Torres segurando acima de sua cabeça a taça Jules Rimet. Ao lado da foto o seguinte texto: “a pequena taça de ouro nas mãos do Capitão Carlos Alberto: ela ficará, depois de nove copas e três vitórias brasileiras, numa vitrina da CBD” (VEJA, 1970a, p. 49)

Denota-se aqui a caracterização épica do feito de alguns heróis nacionais que saíram de nosso país em busca do tesouro perdido (em 1950). A busca pelo Santo Graal, a pequena taça de ouro, se deu em cinco momentos de batalhas (1954, 1958, 1962, 1966 e 1970) até que finalmente a conquistamos em definitivo. E ficaria então para sempre em nosso poder.

Hoje sabemos que a história não foi bem assim, pois em 19 de dezembro de 1983, 13 anos depois de sua conquista a taça foi roubada da sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Assim, o símbolo de nossa superioridade foi roubado e derretido; não mais existia. Esse roubo trouxe grande indignação nacional e repercutiu no mundo todo; quem seria capaz de uma atitude dessas? Não é dada tanta importância em se saber o nome dos quatro ladrões (que foram pegos e condenados), mas sim entender que o povo os considera mais ladrões do que brasileiros.

#### 4.2 Lá sou amigo do rei

Em 1994 o povo brasileiro já estava há vinte e quatro anos esperando para se sentir campeão novamente. Após a inesperada derrota da seleção de 1982, considerada por muitos como uma das melhores seleções de futebol de todos os tempos, o futebol brasileiro muda seu estilo e identidade e aposta no sistema defensivo para voltar a conquistar um título. Mas essa mudança de identidade não é o que nos interessa nesse período da história futebolística brasileira e sim um outro episódio que pode ter sido esquecido pelo povo: a liberação de impostos alfandegários às compras trazidas pelos jogadores e comissão técnica de 1994.

Na página 25 da revista *Veja* de 27 de julho de 1994, o editor da revista em sua Carta ao Leitor relata o retorno dos “heróis do tetra” e os embaraços alfandegários em que se envolveram os jogadores, comissão técnica, funcionários da receita, ministro de estado e até o presidente da república. O texto diz que

Vinte e quatro anos depois, o Brasil voltou a comemorar uma vitória na Copa Mundial de Futebol. E como. Milhões de pessoas saíram às ruas em todo o país na noite da vitória. Dois dias depois, centenas de milhares de pessoas no Recife, em Brasília e no Rio de Janeiro esperaram durante horas para prestar sua homenagem, demonstrar quanto gostam dos tetracampeões. O governo federal, traduzindo acertadamente o entusiasmo dos brasileiros, concedeu a medalha do mérito desportivo aos jogadores. O orgulho de ser brasileiro imperava. A festa era uma maravilha até que o avião com os craques aterrissou no Rio. A partir daí, jogadores, cartolas e autoridades protagonizaram um espetáculo lamentável, que maculou a comemoração. (VEJA, 1994, 25)

Percebe-se no começo da reportagem o aspecto festivo que tomou conta da nação brasileira, a comemoração que toma as ruas e o resgate do “orgulho de ser brasileiro”. Aos heróis que voltavam vitoriosos da cruzada o rei, ou o presidente, concede a medalha de honra. E nossos heróis desfilam pelas ruas em meio à celebração popular. Vemos aqui um aspecto carnavalesco, a suspensão das atividades rotineiras e a saída para as ruas para se consagrar os heróis tetracampeões. Essa carnavalização, essa suspensão da vida e obrigações cotidianas atinge o ápice a partir do episódio “lamentável, que maculou a comemoração”.

A desobrigação concedida pelo governo aos jogadores de pagar impostos alfandegários pelas compras efetuadas nos Estados Unidos foi considerada lamentável porque jogadores, cartolas e autoridades “deixaram de lado um princípio simples: o de que todos são iguais perante a lei. (...) Não importa a condição da pessoa, seus feitos, sua situação social, seu poder – ela tem os mesmos direitos e deveres” (VEJA, 1994, p. 25). Isso é o que diz a lei, porém o momento festivo coloca os heróis acima da lei.

Após terem desfilado em Recife, recebido homenagens em Brasília, os jogadores chegam à noite ao Rio de Janeiro onde milhares de pessoas esperam para saudá-los. Os funcionários da alfândega, ao saberem das compras efetuadas pelos jogadores e pela comissão técnica e conscientes da situação festiva, propõem que os jogadores fossem desfilarem para o

povo e no dia seguinte voltariam para desembaraçar suas mercadorias. Isso significava que os jogadores, como todo mortal, deveriam pagar impostos por aquilo que haviam adquirido no exterior.

Tal exigência causou a revolta os jogadores, que assumindo a identidade de heróis construída pela mídia, achavam-se acima do bem e do mal, e ameaçavam devolver as medalhas, além de não mais desfilar para a população caso suas mercadorias não fossem liberadas imediatamente. O chefe da Receita Federal, Osiris Lopes Filho, defendia a posição de que os jogadores deveriam pagar os impostos.

Diante do imbróglio, entram em cena o Chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves, o secretário-geral da Presidência da República, Mauro Durante, e até o Ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, e decidem liberar a mercadoria. A reportagem diz que diante das ameaças dos jogadores

A República de Juiz de Fora, atônita, vacilou, submeteu-se à chantagem orquestrada por Ricardo Teixeira, presidente da CBF. A muamba foi liberada, mas ao custo do desagrado geral. Osiris Lopes Filho se demitiu. Os jogadores ficaram irritados com a fama de muambeiros. O governo passou a semana tentando explicar que não tinha nada a ver com o caso. (...) O que era uma festa gerou uma crise. Felizmente, uma crise típica do governo Itamar: barulhenta, confusa, passageira e inócua como a que estourou quando se entusiasmou com uma senhorita sem calcinha no Carnaval. (CEZAR & OINEGUE, 1994, p. 26)

Estão presentes nesse episódio a carnavalização, ao constatar a inversão de valores, a suspensão da oficialidade legal e a elevação de pessoas de origem simples, em sua maioria, a um grau superior ao mais alto escalão da República. Pois até mesmo o presidente precisa declarar e pagar impostos por suas aquisições feitas no exterior; os jogadores, aliás os heróis, no entanto ficam dispensados de tal obrigação. Afinal, são heróis. Foram eles que resgataram o orgulho de ser brasileiro, que representando toda a nação imaginada, trouxeram a copa para nossas mãos (imaginadas). Apenas o Chefe da Receita Federal é que saiu perdendo. Na contramão da história ele tentava impor a condição de legalidade, sem entender que era momento de carnavalização.

### 4.3 Gigante pela própria natureza

Em 2002, o Brasil acordava com a Copa do Mundo. Evento que se realizou no Japão e na Coreia do Sul, proporcionou ao brasileiro o estranho hábito de assistir à seleção tomando o café da manhã. Mais uma vez os elementos carnavalescos e identitários se fizeram presentes, principalmente depois de nos sagrarmos campeões. Na edição de 01 de julho de 2002 do jornal O Globo, o cronista Arthur Dapieve assim comentava a conquista:

Cinco vezes campeões do mundo. Mesmo os brasileiros que nunca sentiram a alegria infantil de “bater uma bolinha”, essa alegria que os melhores momentos da seleção na Ásia transmitiram para bilhões, como no segundo gol na Alemanha, até eles sentem-se, com razão, tão importantes quanto o capitão Cafu. O futebol do Brasil justifica nossa existência coletiva. Ele, aliás, continua estimulando os pobres do planeta, ao mostrar que o bem-nutrido Kahn pode sair catando cavaco diante de Ronaldo, Rivaldo e Kleberson. (Fico comovido ao pensar nas tradicionais comemorações em Bangladesh e no Haiti.) (DAPIEVE, 2002, p. 16)

Há no trecho a referência a toda comunidade imaginada, a todos os brasileiros, que através de um recurso de metonímia do articulista, sentem-se tão importantes quanto o capitão

ao levantar a taça. Ou seja, toda a nação estava levantando a taça ao mesmo tempo em que Cafu o fazia. Aqueles onze jogadores resgatavam e reforçavam naquele momento o orgulho de ser brasileiro, de pertencer a um povo vencedor.

E o cronista ainda ressalta a inversão de papéis em uma referência econômica dos países ao reforçar a imagem do “bem-nutrido” goleiro da Alemanha sendo superado por Ronaldo, Rivaldo e Kleberson, cidadãos do terceiro mundo. E a comunidade imaginada se amplia, pois todo país do terceiro mundo (Bangladesh, Haiti) estão comemorando o feito, como se a vitória fosse também deles.

Nelson Rodrigues dizia que o brasileiro tem “complexo de vira-latas”, que é “a inferioridade atávica em que o brasileiro sempre se colocava, voluntariamente, diante do resto do mundo” (RODRIGUES, 1993, p. 30). Rodrigues ainda afirma que esse complexo é que explicaria a atitude servil do brasileiro, que “adora ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo.” (RODRIGUES, 1993, p. 30).

Segundo Rodrigues (1993), esse narcisismo às avessas é algo cíclico, que se manifesta a cada derrota. A superação desse complexo ocorre nas vitórias, quando o ufanismo e o orgulho nacional desabrocham. Essa é a razão pela qual temos então essa necessidade de comemorar, de celebrar, de nos dizer campeões: é para superar o complexo de inferioridade que parece estar intrínseco ao brasileiro.

E a vitória nos põe em igualdade com outras nações ou ainda superiores a elas. Após a vitoriosa campanha de 2002, a revista Veja publicou em 30 de junho de 2002, uma edição especial sobre o pentacampeonato. Em um artigo intitulado “A camisa que é uma bandeira”, via-se que “o futebol é o esporte nacional, e isso explica a corrente de eletricidade que conecta o país de norte a sul quando a seleção entra em campo” (VEJA, 2002). Ora, toda nação se identifica com aquilo que faz de melhor, preza aquilo com que se sente superior. Ao explicar porque o povo não perdeu sua identidade com a seleção mesmo tendo ficado 24 anos sem ganhar um título comenta que

A identificação do povo brasileiro com a seleção, e com o próprio futebol, transcende o talento esportivo. Há várias razões para isso, mas uma delas paira, soberana, sobre as demais: a equipe nacional, nosso velho escrete canarinho, expressa com perfeição a identidade do brasileiro. Os onze jogadores em campo são como um espelho de nós mesmos, uma pintura da alma brasileira, e daí nasce o fenômeno singularíssimo no qual, com a seleção jogando, o país simplesmente pára. Porque o Brasil quer o deleite coletivo de assistir ao Brasil, falar, xingar, amar o Brasil. A seleção é a nossa melhor metáfora. É a nossa maior bandeira. (VEJA, 2002)

Como comentou Dapieve acima, a seleção expressa e resume a nossa identidade. O artigo fala que os onze jogadores são um espelho de nós mesmos, uma extensão de nossas vidas. Por isso o amor, a paixão do povo pela seleção brasileira. Relação que permite a todos “falar, xingar, amar” esse time que nos representa. De tal forma que, naquela manhã, quando a seleção ganhou o pentacampeonato na Ásia, nos sentimos mais brasileiros.

## 5. Considerações finais

O presente artigo se propôs a mostrar como a seleção brasileira reforça a identidade nacional e espírito festivo e próximo à carnavalização que envolve o brasileiro em jogos da Copa do Mundo. Através de alguns momentos em Copas do Mundo, pudemos ver a forma como a comunidade imaginada brasileira se junta e torce por um mesmo ideal. De acordo com Antunes, “uma torcida de futebol cumpre um importante papel na formação de uma

consciência, na representação de nós contra os outros” (ANTUNES, 1999, p. 5). E ainda segundo Woodward (2000), eu formo a consciência do que sou a partir da confrontação com o outro.

A identificação do povo brasileiro com a seleção de futebol faz com que, periodicamente, seja reforçado o conceito de identidade nacional. Organizada de quatro em quatro anos, a Copa do Mundo é um evento em que toda comunidade brasileira esquece as diferenças e une-se com o mesmo objetivo: mostrar ao mundo que somos o país do futebol. E a derrota, como acontece na maioria das vezes, faz com que o povo renove suas forças e acredite que na próxima Copa será melhor.

Conforme pudemos ver nas reportagens ao longo das copas, a carnavalização também se faz presente em dias de jogo da seleção brasileira. O país para. O efeito suspensivo das atividades rotineiras comentado por Bakhtin, o momento da total inversão do regime dominante: a liberação, ainda que provisória, a abolição das hierarquias, regras e tabus, o conagraçamento do povo. É a dualidade do mundo e da vida – segunda vida do povo, baseada no princípio da festa e do grito de gol.

Assim, o ato de torcer pela seleção pode ser visto como a segunda vida do povo, onde prevalecem a vida festiva, o riso, o clima de festa. Nesse momento, ocorrem a liberação temporária da verdade dominante, a liberação provisória das relações hierárquicas, dos privilégios, das regras e tabus. O cidadão não é mais um, mas cento e noventa milhões.

Enfim, o futebol tem esse poder de coesão, de união de um povo. E mesmo sabendo que a nação é inventada, que a comunidade é imaginada, que a identidade nacional é construída, durante a Copa do Mundo fazemos questão de fazer parte dessa comunidade, imaginada que seja, e de nos dizer brasileiros.

## Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com o brasileiro não há quem possa*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo – Brasília: EdUNB, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000
- CEZAR, Arnaldo; OINEGUE, Eduardo. Craques da muamba. VEJA. São Paulo, Abril, n. 30, 1994, p. 26-31.
- DAPIEVE, Artur. As cinco estrelas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 16, 01 de jul. 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- VEJA. A taça do futebol de ouro. São Paulo: Abril, n. 94, 1970a, p. 47-50.
- \_\_\_\_\_. Festividade e conflito. São Paulo: Abril, n. 93, 1970b, p. 54-56.
- \_\_\_\_\_. Um alegre começo. São Paulo: Abril, n. 92, 1970c, p. 49-54.
- \_\_\_\_\_. Carta ao leitor. São Paulo: Abril, ano 27, nº 30, 1994, p. 25.



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

\_\_\_\_\_. A camisa que é uma bandeira. São Paulo, 30/06/2002. Disponível em:  
[http://veja.abril.com.br/especiais/penta/p\\_034.html](http://veja.abril.com.br/especiais/penta/p_034.html). Acesso em: 01 jun. 2010.  
WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA,  
Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*.  
Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-69